



UFRGS

**PROFESSORES
EMÉRITOS**
MEMÓRIAS E HISTÓRIA



UFRGS
PROFESSORES EMÉRITOS
MEMÓRIAS E HISTÓRIA

UFRGS

PROFESSORES
EMÉRITOS
MEMÓRIAS E HISTÓRIA

Clarice Siedler

Édina Rocha

LÉA DA CRUZ FAGUNDES



Entrevista concedida em agosto de 2013. Foto: Flávio Dutra

2013

RECEBE O TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO DA UFRGS

164

INCLUSÃO DIGITAL NÃO É TER ACESSO À TECNOLOGIA, MAS APROPRIAR-SE E APRENDER COM ELA

“A escola não incentiva, só obriga a sentar e copiar do quadro, o que é pior ainda, porque nem sabe se ela aprende ou não, pois aplica uma prova em que tem que marcar se está certo ou errado.”

A UFRGS foi a primeira universidade do Brasil a utilizar microcomputador na educação. Esse pioneirismo se deve à obstinação de Léa da Cruz Fagundes, que acreditava na sua adoção como ferramenta de auxílio à aprendizagem e não mediu esforços para obter o equipamento em pleno período de governo militar, quando o país ainda não os produzia e as importações estavam proibidas. A introdução da tecnologia logo repercutiu na instituição, através da dissertação de mestrado de Rolando Axt sobre sua aplicação no ensino de graduação em Física, ou do desenvolvimento do sistema CAIMI – uma adequação do CAI (Computer Aided Instruction) ao novo equipamento, com o qual a autora Liane Tarouco conquistou o prêmio maior no Congresso Nacional da SUCESU e Feira Internacional de Informática em 1982.

165

A docente foi a responsável, também, pela entrada da Universidade na área da inclusão digital em escolas para crianças e adolescentes. A instituição assumiu uma posição de liderança em projetos do Ministério da Educação, como o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) - que colocou laboratórios de Informática em colégios públicos - mantendo a coordenação no que o sucedeu - “Um Computador por Aluno” - nos três estados da Região Sul. Foi a precursora na qualificação de professores em cursos de pós-graduação *latu sensu*, tornando possível a criação de Núcleos de Tecnologia da Educação (NTEs). Formou, há 28 anos, os educadores do primeiro município do país a colocar microcomputadores em todas as escolas primárias: Novo Hamburgo, RS. Realizou, também, o primeiro curso de pós-graduação em Informática e Educação na modalidade de ensino a distância, para atender os professores da Costa Rica, América Central.

1972

CONCLUI A GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL E COMEÇA A TRABALHAR NA INSTITUIÇÃO

1973

ASSUME O CARGO DE COORDENADORA CIENTÍFICA DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS COGNITIVOS (LEC/UFRGS), ONDE PERMANECE ATÉ A ATUALIDADE (2013)

Pedagoga, psicóloga e doutora em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano, a coordenadora do Laboratório de Estudos Cognitivos (LEC) do Instituto de Psicologia é uma pessoa com imensa energia e que sente prazer em descobrir e explorar novas práticas e tecnologias. Destaca, entre as coisas que mais gosta na Universidade, o apoio e a força que sempre recebeu dos chefes de departamentos, diretores de unidades e de diversas administrações da Reitoria. Nesse sentido, é especialmente grata às professoras Graciema Pacheco e Odair Perugini de Castro, que não mediram esforços para que suas ideias e sonhos se tornassem realidade.

Muitas décadas de trabalho e dedicação antecederam o reconhecimento nacional e internacional que lhe chegou sob a forma de prêmios como o da OEI (Organização de Estados Iberoamericanos para a Educação, a Ciência e a Tecnologia), em 2010; a condecoração da Ordem Nacional do Mérito Educativo do Governo Federal, em 2002; o

Diploma de Reconhecimento na categoria Comunicação e Informação, da Unesco (Organização dos Estados Americanos para a Educação, a Ciência e a Tecnologia), em 2006; e o título de Professora Emérita da UFRGS, em 2013, entre outros.

Tem uma maneira doce de falar, seja para explanar sua carreira na Universidade - que começou no Colégio de Aplicação, passou pela Faculdade de Educação e continuou no curso de Psicologia -, seja para expor suas ideias firmes sobre a ditadura militar, a necessidade de se mudar o modo de dar aulas ou do quanto é imperativo apropriar-se das possibilidades que as novas tecnologias ofereceram como recursos de aprendizagem.

A pelotense cursou a Escola Normal Assis Brasil em sua cidade natal e mudou-se para Porto Alegre já casada, com a forte intenção de realizar seu sonho de continuar estudando. Estava um pouco frustrada porque a Universidade Federal de Pelotas só oferecia duas opções - Direito e Agronomia - e não tinha interesse em nenhuma delas, por isso tinha interrompido sua aspiração. Quando veio morar na capital, logo começou a se preparar para o vestibular. Sua primeira grande emoção relacionada à UFRGS foi ser aprovada para o curso de Letras e ter aulas

de Grego, Latim, Literatura e Língua Portuguesa com excelentes professores. “Eu estava recém-casada, pedindo transferência de Pelotas para cá para seguir trabalhando no magistério estadual, fazendo a faculdade que escolhi e meu marido cursando Direito. Foi uma época muito linda!”

Sua paixão por crianças não se limitava a fazer destas a principal motivação para estudar, pesquisar, querer ampliar seus conhecimentos. Ela e o marido desejavam ter uma dezena de crianças e logo engravidou da primeira filha. “Com o nenê começou a dificuldade, porque não tínhamos quem nos ajudasse e quando minha filha ficou maiorzinha comecei a levá-la para a aula, que era no Instituto de Letras, no campus Centro. Foi uma aventura muito linda, mas o professor Jorge Paleikat, que lecionava Grego, nunca tinha visto uma aluna com um filho no colo em plena aula. Eu entrava e ele dizia: ‘Lea Fagundes, para o quadro! Faça a declinação em grego das palavras tais e tais’. Claro que eu, lecionando à tarde numa escola estadual e com bebê pequeno, não tinha tempo de estudar e era muito difícil a declinação em grego, pior que em Latim.” Sem conseguir tempo para estudar o suficiente para atender aquele nível de exigência e com a segunda gravidez, decidiu trancar

a matrícula no segundo ano para dedicar-se à família e ao trabalho.

Ficou vinte anos sem frequentar faculdade, mas nunca deixou de estudar, participando de inúmeros cursos de curta duração, normalmente relacionados ao magistério. Durante o período teve sete filhos. Quando a quarta menina nasceu, a mais velha já ajudava a reparar as outras e começou a levá-las para a escola em que trabalhava, mas antes fez um curso oferecido pela Secretaria de Educação de professora de Jardim da Infância. Ela conta que um dia apareceu por lá uma coordenadora da Secretaria da Educação e esta a repreendeu por ser uma professora que levava filhos para a escola. Sua resposta foi em forma de pergunta: “quer dizer que a senhora acha que tenho que cuidar com todo amor e carinho os alunos que são filhos dos outros e os meus ficam entregues a pessoas despreparadas”? Como não havia creche naquela época, continuou levando as filhas sem novos problemas e preparando seus alunos para o exame de admissão ao ginásio, área em que era especialista.

1977

TORNA-SE MESTRE EM EDUCAÇÃO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

1979

RECEBE O PREMIO NACIONAL DE PSICOLOGIA EMÍLIO MIRA Y LOPES, DA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

1982 – 1986

CURSA DOUTORADO EM CIÊNCIAS - PSICOLOGIA PELO INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

1988

CONCLUI A GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Quando estava na quinta filha e as maiores ajudavam, resolveu fazer vestibular outra vez. Gostava muito de matemática e decidiu fazer esse curso. Foi muito bem classificada e como o concurso já era unificado, ela poderia escolher em qual matricular-se. Pensando que ainda queria aumentar a família e que seria difícil acompanhar um curso como Matemática, optou pela Pedagogia. Não se arrependeu, pois lá teve excelentes professores. “Depois, com as reformas da época da ditadura militar, as coisas mudaram, priorizando os diplomas.” Léa Fagundes explica que começaram a entrar pessoas que faziam a faculdade e logo depois saíam do país para cursar mestrado e doutorado. Eram aprovados em concurso, mas não tinham prática, nenhuma experiência dentro de escola. “Isso foi terrível, porque o problema que eles estudavam teoricamente, quando iam colocar em prática pouco resolvia. Mas naquela época ainda havia boas professoras, que estavam antes lá, fizeram o doutorado depois de exercer a profissão, tinham anos de experiência.”

Falar do Colégio de Aplicação é algo que ainda emociona a docente. Referindo-se a ele como “uma das coisas maravilhosas da UFRGS, porque se tem um laboratório vivo”, conta como foi importante em sua vida ter trabalhado lá. A diretora era Graciema Pacheco, professora titular de Currículos e Programas do curso de Pedagogia, uma senhora “fabulosa” e totalmente dedicada à Universidade, que o havia fundado para os estudantes praticarem. Seleccionava os melhores da sua disciplina e os convidava a lecionar durante um ano. Em janeiro ela fazia um seminário e aqueles que estudavam, pesquisavam e se desenvolviam tinham suas contratações renovadas. Para os demais a experiência era considerada um estágio e eles iam embora, deixando suas vagas para outros interessados. Com ela surgiram os monitores na Universidade, selecionados através de concurso para acompanhar o catedrático, mas sem direito a remuneração. Classificada em primeiro lugar – segundo ela porque era professora há 20 anos e tinha muita prática na área – Léa se tornou monitora da “Dona” Graciema e em seguida começou a dar as aulas pela docente, como estagiária. Os universitários “estudavam, criavam, faziam experiências e todos eles sabiam que quando saíssem de lá levariam essa marca: foi professor do Co-

168

légio de Aplicação, e isso dava muito destaque ao profissional”, esclarece.

A diretora teve a ideia de colocar uma professora só no sexto ano – e, posteriormente, também no quinto ano - para integrar as matérias. Léa coincidia com essa visão de interdisciplinaridade da titular e sobre a qual Paulo Freire já escrevia naquele tempo. Como era muito boa em matemática, recebia as colegas em sua casa para planejar essa parte das aulas e desses encontros surgiu a vontade de montar um laboratório de Matemática e o fez, com total apoio da direção. Todas as experiências realizadas no colégio se constituíam em projetos de pesquisa, documentados e analisados e, segundo a docente deram ótimos resultados. Além disso, as monitoras podiam propor iniciativas novas, também. “Sugeri fazer um trabalho com as coordenadoras pedagógicas da Secretaria da Educação que trabalhavam nas escolas da periferia e ela me deu muito apoio. Fomos à Secretaria, que fez o chamamento a todos os que faziam Pedagogia, incluindo os orientadores educacionais e os supervisores. Eles foram ao colégio e nós explicamos o que fazíamos e mostramos como trabalhávamos.” Para Léa, aquele não era apenas um espaço para formar professores, mas também um modelo que os outros pudessem usar.

169

Em sua opinião, o Colégio de Aplicação continua sendo inovador. Diz que houve um interregno, “porque a ditadura fez muito mal para a educação”, tanto com a criação de disciplinas obrigatórias, como Moral e Cívica, quanto com a exigência de concurso para preencher as vagas, deixando de ser o que era até então, uma escola onde os alunos da Pedagogia aprendiam, praticavam e faziam descobertas importantes para o ensino. Era muito gratificante propor ideias novas, relata, porque essa era a filosofia da Dona Graciema e do próprio colégio. Ela apoiava todas as iniciativas relacionadas à educação, mas quando os militares começaram a prender os alunos que faziam passeatas e protestos, proibiu a participação dos seus estudantes, comenta a emérita. Quando questionada a respeito, a diretora respondia “eu não vou enfrentar, em nome da Universidade, o regime militar”, apesar de assumir qualquer enfrentamento na parte de concepção e de práticas de ensino. “Com a repressão, o professor foi abandonando seu compromisso e passou

1998

É APOSENTADA COMPULSORIAMENTE POR IDADE

2002

RECEBE O TÍTULO DE OFICIAL DA ORDEM NACIONAL DO MÉRITO EDUCATIVO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

2006

É AGRACIADA COM O DIPLOMA DE RECONHECIMENTO NA CATEGORIA COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO, DA UNESCO

2009

É CONSIDERADA A PERSONALIDADE DO ANO, PELO PROJETO A REDE – TECNOLOGIA PARA A INCLUSÃO SOCIAL

a cumprir o programa que vinha do Ministério, tinha que fazer o que mandavam e isso foi muito ruim.”

Por ter sido monitora, logo após sua formatura na Pedagogia Léa foi contratada como auxiliar de ensino. cursou mestrado em Educação na UFRGS, participou de concurso e se tornou professora assistente no curso em que havia estudado, onde trabalhou alguns anos. Ainda não havia curso de Psicologia na UFRGS, mas sim um departamento, que oferecia a disciplina para outros cursos, como Sociologia, Filosofia e Pedagogia, para complementar a formação. A diretora do Departamento era Odair Perugini de Castro, que também criou o curso. “Como eu a conhecia e queria muito ir para a área, decidi ajudá-la e a primeira coisa que ela fez foi me dar disciplinas para lecionar.” Durante um tempo, Léa trabalhava na Pedagogia no turno da manhã, na Psicologia à tarde e estudava à noite, além de cuidar da sua grande família.

Na Educação, ela tinha estudado a teoria da época, que era o condicionamento operante, desenvolvido pelo estadunidense Burrhus Skinner com base no conhecimento a partir do reflexo condicionado. Estava presente em todo princípio da Psicologia

e, segundo ela, reforça tudo o que se faz até hoje. “É triste, porque os professores são formados e não estudam a psicologia experimental, nem Piaget, então ainda continuam fazendo o que Paulo Freire critica. O docente transmite o conteúdo, cobra do aluno através de uma prova em que tem de escolher uma resposta certa e daí ele dá os parabéns. Só que, quando o faz, está usando mal a teoria adotada, porque o reforço tem que ser contingente, na hora, e não no dia seguinte ou na próxima aula.”

Léa Fagundes pesquisou as condutas de crianças do Aplicação e das escolas da periferia usando a teoria de Skinner no ensino de Matemática. Funcionou com os alunos do Colégio porque eles aprendiam e melhoravam, mas nas outras isso não acontecia. Decidiu não ensinar mais essa teoria na Pedagogia e foi estudar a de Jean Piaget sobre o desenvolvimento da lógica no raciocínio humano e a testar as experiências dele. A primeira constatação dessa pesquisa é que não é possível condicionar quando as circunstâncias não são favoráveis. “Se a criança é mal alimentada, com sofrimento moral e em situação de sobrevivência, mora numa zona que não tem água encanada, energia elétrica e os pais são analfabetos, ela não vai conseguir. Só é possível

condicionar a criança que está se desenvolvendo com liberdade, só que esta não fica limitada ao condicionamento, pois logo ela também vai questionar e mudar tudo isso.”

Chegou à conclusão que toda criança é inteligente, mas as que sofrem muito e não têm estímulo e possibilidade de descobertas não desenvolvem essa capacidade como as demais. “Além disso, a escola não incentiva, só obriga a sentar e copiar do quadro, o que é pior ainda, porque nem sabe se ela aprende ou não, pois aplica uma prova em que tem que marcar se está certo ou errado.” Léa explica que para medir conhecimento, é preciso dar um problema para a criança achar possíveis respostas, pois não há uma que seja “a” correta, cada pessoa encontra uma resposta aproximada.

Quando estava fazendo essas experiências, decidiu montar o Laboratório de Metodologia e Currículo na Faculdade de Educação e obteve, novamente, apoio da Dona Gracema e de vários docentes de diferentes áreas do conhecimento que aceitaram integrar o projeto. A criação do laboratório coincidiu com o período em que ela terminava o mestrado e participava da criação do curso de Psicologia. Lá, ficou sabendo que havia um médico argentino que fora fazer doutorado na França e estudou

com Piaget sua Teoria Construtivista. Ela e Odair Perugini pagaram a passagem para que o cientista Antonio Battro viesse a Porto Alegre para fazer um seminário de uma tarde inteira. O entusiasmo dos participantes e interesse do palestrante gerou mais dias de trabalho conjunto e a proposta do argentino em criar um grupo de pesquisa na Universidade, originou o Núcleo de Estudos Cognitivos (1973), com base na Psicologia Genética do Piaget, a Psicologia Construtivista.

Assim começou o atual LEC (Laboratório de Estudos Cognitivos, desde 1982), primeiro grupo do país a estudar o desenvolvimento cognitivo infantil, do qual é coordenadora até hoje (2013), e a inclusão da escola na cultura digital. Com o tempo, os avanços tecnológicos foram sendo incorporados ao setor, que se tornou referência nacional e reconhecido internacionalmente. Para aprofundar seus conhecimentos sobre as possibilidades da informática como recurso de aprendizagem, analisou o comportamento de crianças e jovens em diferentes condições de desenvolvimento no que respeita à capacidade de programar um computador e as aprendizagens decorrentes. Os resultados estão em sua tese de doutorado “Psicogênese

2010

RECEBE O PREMIO INTERNACIONAL DE EDUCACIÓN Y TIC FUNDACIÓN TELEFÓNICA - OEI E FUNDACIÓN TELEFÓNICA

170

2012

É PUBLICADA A DECISÃO DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO DE OUTORGA DO TÍTULO DE PROFESSORA EMÉRITA

171

das Conduas Cognitivas da Criança em Interação com o Mundo do Computador”, defendida em 1986 na Universidade de São Paulo (USP).

Em virtude de sua liderança e seu pioneirismo na defesa da inclusão digital, não apenas como acesso à tecnologia e sim como apropriação desta na resolução dos problemas, Léa Fagundes foi convidada a participar de comitês de assessoramento, comissões, conselhos e consul-

torias do Ministério da Educação nas áreas de educação a distância, informática educativa e psicologia cognitiva. Colabora, também, com entidades internacionais e diversas instituições de ensino superior brasileiras, além de participar de vários projetos de pesquisa pedagógica com vistas à reestruturação curricular do ensino fundamental para que incorpore as novas tecnologias de informação e comunicação.



SEMINÁRIO SOBRE COMPUTADOR NA EDUCAÇÃO, NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFRGS, 1985



Foto: Museu da UFRGS / Acervo

FACHADA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFRGS, EM 1991, QUANDO O PRÉDIO ABRIGAVA TAMBÉM O COLÉGIO DE APLICAÇÃO